

Falhas do Plano Brady

Áinda Ext

por Stephen Fidler
do Financial Times

O Plano Brady, lançado no ano passado para diminuir o peso da dívida dos países em desenvolvimento, não funcionou tão bem como se esperava, afirma um relatório conjunto do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BIRD).

O estudo sobre a estratégia da dívida, a ser apresentado no próximo mês à Comissão de Desenvolvimento das duas instituições, será acompanhado de um relatório do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, que vai um pouco mais longe, solicitando mais recursos para a iniciativa de redução da dívida.

Conable deverá pedir mais recursos para financiar a redução da dívida em todos os países que promovam reformas econômicas, para permitir um corte mais generoso da dívida e para garantir que os be-

nefícios do Plano Brady possam ser auferidos por todos os países que dele necessitem.

Embora respaldando a iniciativa como um reforço da estratégia internacional para a dívida, o relatório aponta nesse processo diversas falhas.

Adotado há um ano pelas duas instituições, o Plano Brady — conhecido com o nome do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady — alterou o enfoque da estratégia dispensada no tratamento da dívida, que anteriormente estava centrado na concessão de novos empréstimos por parte dos bancos comerciais, para uma redução do ônus da dívida bancária. O FMI e o Banco Mundial forneceram recursos para financiar esses progressos de redução da dívida.

Segundo fontes que tiveram acesso ao relatório, o documento destaca que foram concluídos menos acordos do que se esperava

e que as negociações entre os bancos e os governos devedores frequentemente se arrastaram por um tempo demasiado longo. Somente o México e as Filipinas concluíram amplos acordos de redução da dívida no ano passado, embora já tenham sido feitos alguns acordos preliminares para Venezuela, Costa Rica e Marrocos.

Os acordos trouxeram também menos redução da dívida e do serviço da dívida do que se esperava, em parte por causa da insuficiência de recursos.

Alguns desses acordos estreitaram a flexibilidade do devedor em relação ao reescalonamento de sua dívida, no caso de situações econômicas adversas. Isso porque a dívida bancária, que pode ser reescalonada, é substituída, até certo ponto — segundo o Plano Brady — pela dívida junto ao Banco Mundial e ao FMI, que não pode ser reescalonada.

O BIRD e o Fundo forneceram, cada um, US\$ 12 bilhões para a iniciativa Brady. Mas a maioria dos empréstimos tomados para financiar a redução da dívida reduz também o acesso de um país a outros empréstimos das duas instituições multilaterais.

A pesquisa conjunta sobre a estratégia da dívida adota uma posição mais cautelosa do que o relatório de Conable, refletindo a opinião mais conservadora da equipe administrativa do FMI. Mas as decisões a respeito da estratégia da dívida foram tradicionalmente tomadas pelo Comitê Interino do FMI, e não pelo Comitê de Desenvolvimento.

Segundo as fontes, o relatório feito pela equipe do FMI para o Comitê Interino não é tão amplo como a pesquisa conjunta, mas abrange muitos pontos idênticos.

Ambos os comitês deverão reexaminar a questão da dívida quando se reunirem no próximo mês, mas as deliberações do Comitê Interino provavelmente serão dominadas pelas tentativas de resolver a questão de um aumento dos recursos do FMI.

A representante de comércio dos EUA, Carla Hills, disse, ontem, que somente excluirá o Brasil da lista de parceiros desleais quando a Portaria 56, liberando as importações, for regulamentada. Disse ainda que gostaria de ver maior esforço do Brasil no campo da propriedade intelectual, sobretudo na proteção às patentes farmacêuticas.